

## A EXPERIÊNCIA DO EXÍLIO EM MIGUEL TORGA

Zuleide Duarte<sup>1</sup>

*Resumo:* O tópicos da emigração atravessa a literatura portuguesa desde o seu nascedouro e chega à contemporaneidade pelas múltiplas vozes dos escritores lusófonos disseminados pelo mundo. Miguel Torga, poeta, ficcionista e teatrólogo português, filia-se a essa tradição, realizando uma obra que tematiza a terra, a saudade e a simplicidade do homem do campo. A condição de exilado, experiência vivida pelo próprio autor, surge na obra de Torga em imagens representativas da vocação telúrica do lusitano.

*Palavras-Chave:* Exílio, Terra, Saudade, Miguel Torga.

*Abstract:* Emigration is a topic that pervades Portuguese literature from its beginnings, achieving contemporary expression in the many voices of lusophone writers disseminated around the world. Miguel Torga, Portuguese poet, dramatist and fiction writer, is a part of this tradition, creating works where “saudade” (nostalgia, longing), the love of land and the simplicity of rural life are central themes. The condition of man-in-exile, an experience lived by the author himself, appears in Torga’s works in images representative of the Portuguese telluric vocation.

*Key Words:* Exile, Earth, Saudade, Miguel Torga.

*Eu sei por experiência que os exilados se alimentam de esperança* (Êsquilo, *Agamenon*, 458 a.C.).

O termo exílio utiliza-se para o período que vai da deportação para a Babilônia até o retorno a Jerusalém. Esse prolongamento na diáspora, que se vem repetindo até hoje para a maioria dos judeus, remonta às primeiras gerações, que vão de 538 a 586, considerando-se a contagem regressiva, segundo o *Dicionário bíblico universal*<sup>2</sup>. Os judeus exilados na Babilônia sofreram muito, sujeitando-se a regimes completamente diferentes inclusive à escravidão. Estes eram tomados pelo sentimento de nacionalidade sendo a crença um ele-

---

<sup>1</sup> Professora Titular junto ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba — PPGLI/UEPB, Campina Grande. Endereço eletrônico: zuleide.duarte@uol.com.br; zuleideduarte@hotmail.com.

<sup>2</sup> Monloubou e Du Buit, em seu *Dicionário bíblico universal* (p. 276), dizem sobre o êxodo: “Sinal inequívoco do lugar que este tema teve e ainda tem no coração de Israel e no coração da Igreja. Israel vê na saída do Egito o decisivo evento fundador de sua história e sua fé: evento fundamental ao qual remete a liturgia cada vez que for necessário, por um retorno ao passado, reafirmar suas convicções abaladas pelas dificuldades do presente. Quanto aos cristãos, a semelhança entre a noite pascal, comemorativa do Êxodo, e a noite da Ressurreição, os leva a associar essas duas ‘maravilhas’ e a meditar sobre a segunda a partir das reflexões já feitas sobre a primeira. Só é possível citar rapidamente, seguindo a ordem cronológica mais verossímil, os textos que evocam este tema central”.

mento que os unia: Jerusalém não seria destruída e eles voltariam, retornando afinal à pátria. O retorno ao passado permite reafirmar convicções abaladas pelas dificuldades presentes e os antigos sempre recorriam a esse momento de corte como um meio de fortalecimento do ser humano. Já o conceito de êxodo está associado à idéia de saída como na fuga do Egito ocorrida em 1250 e que envolveu as tribos de Efraim, Manassés e os Levitas liderados por Moisés.

A condição de exilado remonta, segundo Maria José de Queiróz (1998) ao ano 2.000 a.C., quando um imperador do Antigo Egito baniu um cidadão chamado Sinuhe. A informação foi colhida pela autora em texto do egiptólogo francês François-Joseph Chabas, estudioso que traduziu papiros egípcios onde registra, inclusive, a opinião do exilado Sinuhe acerca da punição sofrida: “ir para o exílio não estava escrito na minha mente nem no meu coração. Eu me arranquei por força do solo onde estava” (QUEIRÓZ, 1998, p. 13).

Miguel Torga viveu a experiência do exílio no Brasil ainda criança, compartilhando a saudade e a dor da perda da pátria, o que lhe permitiu avaliar o alto preço pago pelos emigrantes. Nos versos abaixo lemos o registro dessa experiência:

Brasil onde vivi, Brasil onde penei,  
Brasil dos meus assombros de menino:  
Há quanto tempo já que te deixei,  
Cais do lado de lá do meu destino!  
Que milhas de angústia no mar da saudade!  
Que salgado pranto no convés da ausência!  
Chegar. Perder-te mais. Outra orfandade,  
Agora sem o amparo da inocência.

.....  
Ah, desterro do rosto em cada face,  
Tristeza dum regaço repartido!  
Antes o desespero naufragasse  
Entre o chão encontrado e o chão perdido.

A noção de uma pátria-além confunde e angustia o poeta, para quem o passado e o presente associam-se a perdas que interferem em sua forma de ser e estar no mundo.

Afinal, a realização torna-se possível no âmbito da imaginação, onde espaço e tempo perdem o caráter de precisão e inexorabilidade que angustia o homem. Pela imaginação, é possível a fuga.

O caráter inelutável de uma partida que gera sentimento de solidão, desconforto e saudade, estimula nos emigrantes a sensação de exílio, que, embora voluntário, foi ditado por necessidades que nem sempre estiveram em consonância com os seus reais e íntimos desejos. No fundo, esses personagens

deixaram seu país de origem em busca do *Eldorado* ou da *Árvore das Patacas*, expressão característica do português que migrava para o Brasil. Fazer fortuna e retornar o mais depressa possível era o sonho que acalentavam. O choque, que eles enfrentam na nova pátria, faz recrudescer o sentimento de arraigado amor à terra de origem. A tristeza experimentada no êxodo/exílio favorece o mergulho em um estado depressivo, de fundo melancólico, que faz o personagem alimentar a idéia, também melancólica, da impossível ubiqüidade. É inegável que, na maioria das obras portuguesas, o tópico da aldeia, representativo do sentimento telúrico, substitui, metonimicamente, o conceito mais amplo de pátria.

A lembrança da aldeia insinua-se no discurso através de referências ora à paisagem real, ora ao cenário da memória em cujo palco desfilam as imagens de um passado que, paradoxalmente, não ficou para trás. Como fantasmas, os referenciais da história de vida dos personagens assomam no texto, presentificando-se. As passagens abaixo retratam a presença da aldeia no cotidiano deles:

Construção da memória, a terra natal só no plano ideal sobrevive intocada. O regresso, após anos de exílio, surpreende o natural da terra, que espera encontrar o passado de sonho como uma imagem congelada. O escritor russo Vladimir Nabokov (1967) registra sua decepção quanto ao retorno à terra natal: “Mas há uma coisa que eu já não encontrarei a esperar-me — a coisa que, de fato, em toda essa história de exílio valia a pena explorar: a minha infância e os frutos da minha infância”. Nabokov (1899-1977), no exílio, antevia a angústia de não poder resgatar aquilo que, para ele, representava seu bem maior: os frutos da infância.

Na Literatura Brasileira, um exemplo notório do exílio de si mesmo é o do personagem Dom Casmurro, do livro homônimo. Como ele não se reencontra, pois Bentinho não existe mais, tendo cedido espaço para o carrancudo e recluso Dom Casmurro, é inútil que recomponha a casa de Mata-Cavalos no Engenho Novo, como se constata nos capítulos iniciais em que até a casuarina que existe no quintal tem a forma de ponto de interrogação, numa atitude franca de desconhecimento e estranheza.

Este depoimento revela a dor que aquele homem sentiu ao sofrer um castigo que lhe foi aplicado por força. A história do banimento também se encontra na Bíblia com a expulsão de Adão e Eva do paraíso. Seria por demais alongado mencionar todos os casos de exílio, voluntário ou não, no curso da história da cultura. Entretanto, não se pode omitir uma referência aos judeus, povo que vem, através dos tempos, buscando obstinadamente a pátria. As sucessivas diásporas pelas quais passaram estão marcadas pela fidelidade às

tradições e pelo desejo de habitar na terra dos ancestrais. Para o judeu, mais relevante do que o lugar onde nasceu é a ligação com a terra prometida. Perseguidos, dizimados e muitas vezes obrigados a renegar a sua fé e suas tradições, os judeus mantêm, através das gerações, o culto à terra da promessa. Embora tenham empreendido o êxodo para habitarem na terra prometida, os hebreus tiveram que viver na condição de estrangeiros. Para o crítico David Damrosch (apud ALTER; KERMODE, 1997, p. 88):

[...] o termo *ger*, estrangeiro, pode ser mais bem traduzido para o português moderno como “forasteiro residente” e é usada para os israelitas durante sua estada no Egito. Ao assumir o termo, o texto transforma o lamento de Moisés, que deu esse nome a seu filho mais velho em resposta a uma vida de exílio: “a quem ele chamou estrangeira” (*Êxodo*: 2: 22). O Levítico expressa o desejo por algo mais íntimo que a posse, um companheirismo de exílio, partilhado entre o povo, seus servos, seu gado, seus bens e a própria terra.

Trata-se de um exílio de ordem geográfica que teve ressonância no psiquismo, uma vez que o sujeito, ao se deslocar fisicamente, sente-se excluído do meio em que vive. O poeta Teixeira de Pascoaes (1877-1952), em “A minha aldeia”, lança um repto aos emigrantes descrevendo a situação que os motiva à saída:

Homens, que trabalhais na minha aldeia,  
Como as árvores, vós sois a Natureza.  
E se vos falta, um dia, o caldo para a ceia  
E tendes que emigrar,  
Troncos desarraigados pelo vento,  
Levais terra pegada ao coração.  
E partis a chorar.  
Que sofrimento,  
Ó Pátria, ver crescer a tua solidão! (PASCOAES, 1945, p. 78).

Teixeira de Pascoaes define bem o conflito que acompanha o emigrante: a saudade da terra. Este sentimento reivindicado pelos portugueses como patrimônio nacional aliado ao constante desejo do retorno é o alimento do emigrante no exílio.

### **FORASTEIRO: O ESTATUTO DO EMIGRANTE**

Conforme assinala o escritor Colin Wilson (1985, p. 5), a história da literatura está plena de exemplos de “outsiders”, de autores que saíram de suas terras ou de si mesmos e buscaram desesperadamente, algumas vezes, reencontrar-se. Não é à toa que o autor ilustra essa sensação com o desabafo lapidar de John Keats (1795-1821), antes de morrer, que dizia sentir-se “como se já tivesse morrido e vivesse agora uma existência póstuma” (WILSON, 1985, p.

5). Há, segundo ele, um “outsider” romântico, “sonhador de outros mundos”, cuja inquietação está bem expressa nos versos de William Butler Yeats (1865-1939), que afirma: “aquilo que buscam milhões de lábios no mundo, / deve estar substancialmente em algum lugar [...]” (WILSON, 1985, p. 44).

Dois palavras servem para caracterizar a figura do “outsider”: estranhamento e irrealidade. Nos autores estudados por Colin Wilson, como Ernest Hemingway (1898-1961), Franz Kafka (1883-1924), Keats, Albert Camus (1913-1960), Fiódor Dostoiévski (1821-1881), percebemos que os termos acima (estranhamento e irrealidade) aparecem em suas obras, encarnados em personagens e sentimentos nem sempre claros para o leitor, mas que, analiticamente, reforçam aquela sensação de não estar presente de forma inteira, de que nos fala Friedrich Hölderlin (1770-1843) em *Hyperion* (1799). A criação literária contemporânea passa por esse duplo crivo. A literatura do exílio ou da emigração constitui um dos filões mais interessantes de análise, pois emigra-se, primeiramente, da pátria, dos familiares, dos amigos e, em seguida, da sua própria língua.

O personagem “outsider” analisado por Colin Wilson é um fora-de-lugar, um deslocado ou, em situações mais radicais, um rejeitado. Segundo ele, “o outsider não tem certeza de quem ele é. Ele encontrou um *eu* mas este não é o seu verdadeiro *eu*. Sua maior preocupação é a de encontrar o caminho de volta” (WILSON, 1985, p. 145). E esse caminho passa necessariamente pela linguagem; escreve-se para inscrever-se de maneira irrefutável na lembrança daqueles que são nossos contemporâneos; escreve-se para não se cair no esquecimento e para se fugir da solidão. A literatura (ou a linguagem) é a tábua de salvação contra a marginalização do indivíduo, seja ele ficcional ou real. Analisando a posição ocupada por autores como Kafka, James Joyce (1882-1941) e Samuel Beckett (1906-1989) em relação às suas culturas de origem e à maneira como eles utilizam a linguagem (por movimentos centrípetos de territorialização e desterritorialização<sup>3</sup>), Gilles Deleuze (1969) nos diz de maneira enfática:

Quantas pessoas hoje vivem em uma língua que não é a delas? Ou então nem mesmo conhecem mais a delas, ou ainda não a conhecem, e conhecem mal a língua maior da qual são obrigadas a se servir? Problema dos imigrados, e sobretudo de seus filhos. Problema das minorias. Problemas de uma literatura menor,

---

<sup>3</sup> O movimento de territorialização diz respeito à função precípua da boca enquanto órgão ligado à mastigação, ao digerir dos alimentos. No momento em que a língua e a boca, órgãos físicos, se encarregam também da função da fala, aquela tarefa anterior e natural se amplia, exigindo deles um deslocamento espacial. Segundo Deleuze (1975, p. 85), “a boca, a língua e os dentes encontram sua territorialidade primitiva nos alimentos. Consagrando-se à articulação dos sons, a boca, a língua e os dentes se desterritorializam”.

capaz de escavar a linguagem e de fazê-la seguir por uma linha revolucionária sóbria? Como tornar-se o nômade e o imigrado e o cigano de sua própria língua? Kafka diz: roubar a criança no berço, dançar na corda bamba (DELEUZE, 1975, p. 30).

Evidentemente, há muito mais que a questão da língua no tocante à emigração. O indivíduo abandona suas mais arraigadas referências e lança-se no desconhecido, cuja estranheza se apresenta em primeiro plano na dificuldade com uma nova língua. No caso dos emigrados portugueses para o Brasil, o problema é aparentemente menor por causa da língua comum; entretanto, as diferenças bastante acentuadas entre as duas formas de falar o português estabelecem o desconforto característico de quem chega ao estrangeiro. Assim, torna-se imperiosa a necessidade de “alfabetizar-se” (na própria língua) para sobreviver. Desenraizar-se para suplantar a dor da perda.

A palavra desenraizamento, do latim *radice* (NASCENTES, 1952, p. 432), como o próprio nome indica, traz implícito o termo *rizoma* — do grego, *rhizoma* (NASCENTES, 1952, p. 445) — que remete à idéia de formação, gênese, raiz. *Ter suas raízes, fincar raízes*, remete imediatamente a ter a pátria dentro de si, perto, sem nostalgia. Não seria o caso de um melancólico ou do enlutado, para quem a perda do objeto pode ser identificada com a falta, ausência imediata do torrão natal e também com a imagem materna.

Nas palavras exemplares de Fernando Pessoa (1888-1935), através de seu semi-heterônimo Bernardo Soares, poderíamos entender melhor a problemática daqueles que se sentem nostálgicos com a perda da raiz/ rizoma natal. O verso “minha pátria é a língua portuguesa” poderia ser lido como a forma particular que Fernando Pessoa tinha de entender a pátria: desenraizado ainda criança, o poeta deixou o cenário da terra natal, adotando uma nova geografia (Durban, África) e até falando e escrevendo em uma segunda língua, o inglês.

Ausente do país, é através da posse de outro objeto amado — a linguagem — que o indivíduo se relaciona com o mundo. Parece ser essa a problemática que está por trás da palavra exílio, duplamente entendida como a impossibilidade de se voltar ao ponto de origem, a não ser pela memória (caso dos emigrados de países tomados por convulsões ou regimes totalitaristas ou ainda dos exilados políticos por opção própria) ou pela manutenção da língua materna como idioma de expressão afetiva, mesmo que se fale/ escreva em uma outra língua majoritária.

Nesse sentido, a literatura de um Kafka, tal como explicitada por Deleuze e Guattari (1975 — *Kafka por uma literatura menor*), ilustraria o que o filósofo chama de tentativa de reterritorialização/ desterritorialização: a capacidade de articular-se em uma língua que não é a sua, fazendo-a vibrar com

intensidade sob o ângulo que sua visão de estrangeiro permite e enriquecendo-a com usos simbólicos ou utilizando essa linguagem com sobriedade.

Nessa última perspectiva, situar-se-iam Joseph Conrad (1857-1924), James Joyce e Samuel Beckett. O primeiro, sendo polonês e tendo como segunda língua o francês, aprendeu tardiamente a língua inglesa, que utilizou para escrever os livros que o fizeram conhecido, como *Lord Jim* e *Nostramo*, por exemplo. Joyce, irlandês, tornou-se poliglota nas suas várias mudanças, experiência que o subsidiou na criação de uma “língua” que é a mescla do inglês arcaico, latim, finlandês, italiano, entremeado de jogos vocabulares que usou para escrever *Finnegans Wake*, livro considerado intraduzível até para o inglês<sup>4</sup>. Para se expressar literariamente, o também irlandês Samuel Beckett empregou alternativamente o inglês e o francês.

Esse sentimento de nostalgia experimentado pelos escritores acima mencionados, em relação simultânea com a língua e a pátria, parece obter a “cura” através da criação literária. Quanto mais distante dessas referências fundamentais, mais o autor procura superar esse exílio através do desabafo da escritura, seja ela prosa ou poesia.

A sensação de desenraizamento é fundada num certo desejo: o de exprimir para si e para os outros, o de se deixar falar por uma língua que já não é a sua, constatando-se quão distante se está dela e, paradoxalmente, tão perto, uma vez que esta não foi nunca esquecida. Esse movimento de busca tem um caráter circular pois, por mais voltas que o homem dê, encontrará sempre a imagem da pátria a acenar-lhe com o convite da volta.

Aprende-se a Dizer Saudade

Saudades, só portuguesas  
Conseguem senti-las bem,  
Porque têm essa palavra  
Para dizer que as têm (PESSOA, 1972).

Solitude, soledade, soedade, soledad ou saudade<sup>5</sup>, não importando a forma escrita, o sentimento de apego à terra natal tem motivado artistas desde

---

<sup>4</sup> “[...] O grave é que a intenção constante do estilo é girar sobre jogos de palavras, em constante e maliciosa graça. E isso equivale a dizer que *Finnegans Wake* é intraduzível... claro que não existe nem pode existir uma tradução de *Finnegans Wake* para nenhuma língua — nem sequer para o inglês!” (VALVERDE, s./d., p. 112/113).

<sup>5</sup> Conforme Nascentes (1952, v 1, p.435): “SAUDADES — do latim *solitude*, *solidão*, *desamparo*, que deu o arcaico *soedade*, *soidade*, *suidade*, *soida*, *soedade*, *soeda* —, *suidade*, *saudades*. Do significado de *solidão*, *desamparo*, passou ao de sentimento de quem se encontra solitário, longe daquilo que ama, da pátria, da família [...]”.

épocas remotas. Entretanto, é entre os homens do povo que as dores da ausência se manifestam de forma mais contundente. Através da arte é possível manter a pátria ou manter-se nela, como é o caso do escritor irlandês James Joyce que, apesar de ter vivido em diversos países da Europa, ao ser interrogado certa vez sobre sua volta a Dublin, respondeu: “será que a deixei um dia?” (QUEIROZ, 1998, P. 343).

Eduardo Lourenço (1999, p. 113), pensador contemporâneo português, afirma que os portugueses

[...] fizeram da saudade uma espécie de enigma, essência do seu sentimento da existência, a ponto de a transformarem num “mito”. É a mitificação de um sentimento universal que dá a essa estranha melancolia sem tragédia o seu verdadeiro conteúdo cultural e faz dela o brasão da sensibilidade portuguesa.

Constituindo-se objeto de investigação científica, a saudade da aldeia natal já motivou muitos estudos, dentre os quais destacamos a tese de doutoramento do médico francês Johannes Hoffer, defendida em 1688 na Universidade da Basiléia. A pesquisa envolvia rapazes que deixaram suas aldeias para estudar em classes mais avançadas, que só existiam nos grandes centros. Ali eram acometidos de uma tristeza profunda, seguida da idéia fixa de voltar para casa; sua enfermidade foi diagnosticada como “mal do exílio”.

Na literatura, a tristeza do exilado está presente em inúmeros textos, sendo as literaturas portuguesa e brasileira pródigas nesses registros. Camões, o cantor das glórias lusitanas, ele mesmo exilado, deixou poemas onde delinea o quadro triste de sua condição<sup>6</sup>. Difícilmente se encontra um escritor português que não tenha cantado a terra que o viu nascer ou aquela em que viveu a

---

João Ribeiro, em *Curiosidades verbais* (1955, p. 197-201), entende que saudade pode provir do ár. Saudá. De acordo com informações do professor Ragy Basile, apresenta três expressões árabes, suad, saudá e suaidá, que têm o sentido moral de profunda tristeza e literalmente do sangue pisado e preto dentro do coração; na medicina as-saudá é uma doença do fígado que se revela pela tristeza amarga e melancólica. Poderia objetar-se, acrescenta este autor, que são raras as palavras que exprimem sentimento, tomadas do árabe. Convém, entretanto, lembrar que a palavra, como foi dito, designa igualmente uma doença e muitas desse teor vieram do árabe: achaque, enxaqueca, soda (dor de cabeça), etc. e também são doenças a morriña galega, que traduz saudade e o Heimveh alemão que migrou do sul para o norte. E toda medicina hispânica e européia foi na era medieval ensinada por Avicena. Averroés e outros grandes mestres. Há perfeita identidade entre moléstias nervosas e sentimentos: hipocondria, melancolia, angústias...

<sup>6</sup> Sobre o tema, disse o escritor Jorge de Sena (1977, p. 61), também exilado: “Ninguém como Camões nos representa a todos, repito, e em particular os emigrantes, um dos quais ele foi por muitos anos, e os exilados, outros dos quais ele foi a vida inteira, mesmo na própria Pátria, sonhando sempre com um mundo melhor, menos para si mesmo que para todos os outros”.

sua infância. Rememorá-la é tentar transpor para as palavras a vida cheia do encanto das coisas simples, que foi a infância passada em uma aldeia. A ligação do homem português com sua terra acompanha-o pela vida afora e o escritor, ao falar da sua pátria, presentifica o verdadeiro paraíso perdido em um hino de saudade e devoção.

Para Sophia de Melo Breyner (1975, p. 35), a noção de exílio intensifica a idéia da perda da pátria:

“Pátria”  
Pedra rio vento casa  
Pranto dia canto alento  
Espaço raiz e água  
Ó minha pátria e meu centro  
Me dói a lua me soluça o mar  
E o exílio se inscreve em pleno tempo.

Para Miguel Torga (1907-1998), a região de Trás-Os-Montes, onde viveu, “é um reino maravilhoso”. Para Pedro Homem de Mello (1904-1984), São Lourenço é o “seu amor”. O poeta João de Araújo Correia (1899-1985), nascido em Canelas do Douro, região do Peso da Régua, tematizou os elementos regionais em sua obra. O escritor José Régio (1901-1969), representante do movimento Presencista<sup>7</sup> na poesia portuguesa, considerava Vila do Conde, cidade onde viveu e adotou como segundo lar, o “remédio dos seus males”. São numerosos os autores irmanados no culto à aldeia e mencioná-los todos não é objetivo deste trabalho; entretanto, não podemos esquecer António Nobre (1867-1900), coincidentemente filho de um emigrante que veio para o Brasil. De existência curta, o autor do livro *Só plasmou em versos sua devoção e entusiasmo pela aldeia: “Na aldeia, sim! / para pegar um cacho d’uvas, / Ou numa flor. Por causa dessas mãos... Perdoai-me, / Aldeões! eu sei que vós sois puros. Desculpai-me”* (NOBRE, 1996, p. 51). Afeito ao campo, Nobre exprimiu a singularidade da alma portuguesa nas descrições dos costumes e na transcrição dos falares dos aldeões. Era ali, entre as virgens em romaria, que ele encontrava lenitivo para sua tristeza:

A saudade da terra de origem, o desejo permanente de estar dentro e fora da pátria, ubiqüidade impossível, articulados à idéia de desenraizamento e

---

<sup>7</sup> A revista literária *Presença*, que teve o subtítulo “Folha de Arte Crítica”, foi fundada, dirigida e editada em Coimbra pelos escritores José Régio, João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca. O ideário da revista consistia em: defender a “literatura viva”, a crítica livre e descomprometida, o primado do individual do psicológico e da intuição sobre os rigores do academismo.

sentimento de estranheza, são referências constantes na maioria dos textos de autores portugueses e brasileiros que vivenciaram o exílio.

Ressaltamos que, ao evocar a saudade do torrão natal, os escritores contemporâneos se inscrevem em um campo de reflexão mais amplo, em que o lugar da origem se confunde com o ato de narrar. Deste modo, o elemento histórico e referencial do exílio é incorporado ao universo representativo, conformando-o e modificando-o.

O sentimento de inadaptação ao novo espaço e de estar fisicamente em um local e mentalmente em outro, a impossibilidade de ubiquação apresentam-se para o poeta de forma imperativa, impedindo-o de integrar-se à rotina do exílio onde se sente estrangeiro. Pela memória é possível operar o transporte ao passado, à aldeia, objeto de desejo, irrecuperável como o é também o tempo que passa. Isolado, o poeta reedita, através das lembranças, sua vida na pátria além.

Com os escritores Ferreira de Castro (*Emigrantes*, em 1928 e *A selva*, em 1930) e Miguel Torga (*A criação do mundo*, *Contos da montanha*, de 1941, e *Novos contos da montanha*, de 1944) ocorre a reabilitação humana, dramática e quase trágica (e até mesmo épica) dessa “triste figura” do brasileiro.

Faz parte da vocação portuguesa, no entanto, como bem assinala José Rodrigues de Paiva, esse duplo pendor para o telúrico e o marítimo, com a necessidade imperiosa de aventura que bem caracterizou a expansão para o Novo Mundo. Nada poderia expressar melhor a eterna diáspora, característica do fado lusitano, que os versos do “Mar português”, poema de Fernando Pessoa:

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
são lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar! (PESSOA, 1972, p. 70).

## REFERÊNCIAS

- ALTER, Robert; KERMODE, Frank. (Org.). *Guia literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Camões e a identidade nacional*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.
- BREYNER, Sophia de Melo. *Poesia II*. Lisboa: Ática, 1975.
- CHALIAND, Gérard. O desterro. In: MILAN, Betty. (Org.). *O século*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. *Kafka por uma literatura menor*. Paris: Les Éditions Minuit, 1975.
- DUARTE, D. *Leal conselheiro*. Atualização ortográfica, introdução e notas de João Morais Barbosa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, s/d.
- LOURENÇO, Eduardo. *O canto do signo: existência e literatura*. Lisboa: Presença, 1993.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. 4. ed. Lisboa: Ed. D. Quixote, 1991.
- LOURENÇO, Eduardo. *Portugal como destino seguido de mitologia da saudade*. Lisboa: Gradiva, 1999.
- MONLOUBU, Louis; DU BUIT, F. M. *Dicionário bíblico universal*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1997.
- NABOKOV, Vladimir. *Le don*. Trad. Raymond Girard. Paris: Gallimard, 1967.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 2 v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.
- NOBRE, António. *Só: os melhores poemas*. Lisboa: Contexto, 1996.
- PAIVA, José Rodrigues de. *Literatura e emigração*. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 1989.
- PASCOAES, Teixeira de. *Terra proibida*. Lisboa: Bertrand, 1923.
- PESSOA, Fernando. *Quadras ao gosto popular*. Lisboa: Edições Ática, 1972.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Edições Ática, 1972.
- QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência, ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- RIBEIRO, João. *Curiosidades verbais*. Lisboa: Porto Ed, 1955.
- SENA, Jorge de. *Camões e a identidade nacional*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1977.
- SAYAD, Abdelmalek. Le pays où l'on n'arrive jamais. *Courrier de L'Unesco*, Paris, p. 10-12, oct. 1996.
- TORGA, Miguel. *Antologia poética*. Coimbra: Edições do Autor, 1981.
- VALVERDE, Maria José. *Conhecer Jame Joyce e a sua obra*. Lisboa: Ulisseia, s/d.
- WILSON, Colin. *O outsider — o drama moderno da alienação e da criação*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

